

MEIO SÉCULO DE UM PORTO SEGURO

FRANCISCO TOPA*

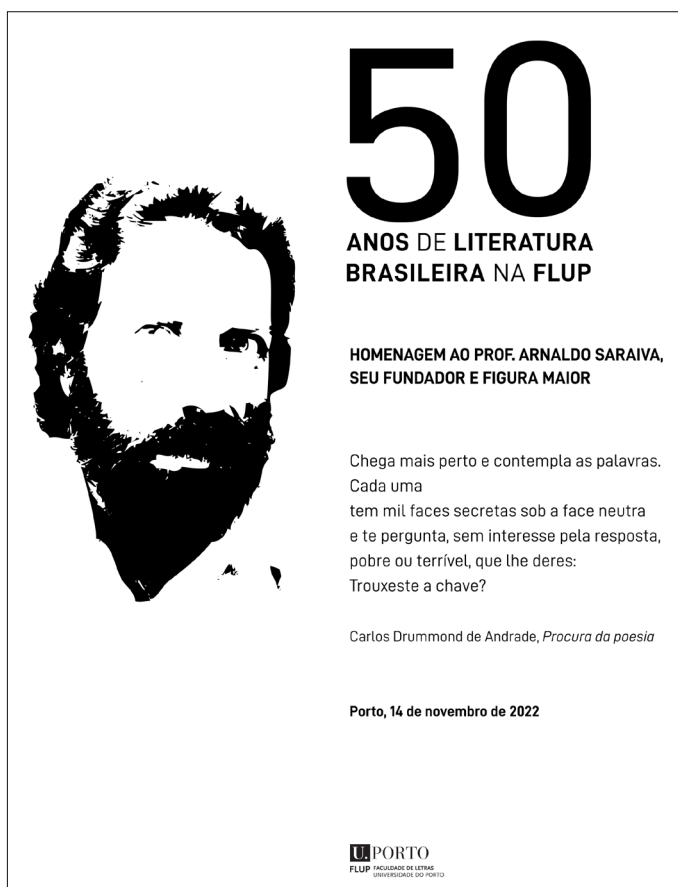
INTRODUÇÃO

Em tempo de centenários — de nascimento, de morte, de fundação e, cada vez mais, de vida —, meio século pode parecer um marco sem significado de maior. A impressão desfaz-se, porém, se pensarmos que se trata do ensino da literatura brasileira num país e numa instituição que nem sempre têm olhado com bons olhos para o outro lado do Atlântico, o que tem trazido, mais nuns momentos que noutros, dificuldades acrescidas para o reconhecimento e a afirmação deste espaço curricular. Em 1972, quando a disciplina começou a ser ensinada na Faculdade de Letras do Porto, ambos os países viviam sob regime ditatorial, as relações entre eles eram distantes e difíceis, mas era grande a curiosidade dos portugueses e a vontade de ultrapassar os obstáculos. Cinquenta anos depois, a distância diminuiu, as relações tornaram-se mais fáceis, mas a curiosidade e o interesse dos portugueses pelo Brasil também diminuíram, acompanhando a flutuação da imagem do país no exterior e a oscilação das relações luso-brasileiras e dos respetivos momentos migratórios.

Apesar disso, a área está consolidada, graças sobretudo ao trabalho desenvolvido pelo Prof. Arnaldo Saraiva, figura bem conhecida no Brasil pelos seus estudos sobre o modernismo e variadíssimas outras matérias e sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras. Durante o seu magistério, a área foi-se impondo internamente, ganhando prestígio e espaço curricular, e externamente, tanto a nível nacional como no plano internacional. Durante algum tempo beneficiou ainda da «explosão» do número de estudantes universitários proporcionada pela Revolução dos Cravos, do prestígio e da popularidade de alguns escritores brasileiros hostilizados em Portugal durante o Estado Novo e da curiosidade perante um país que chegava à maioria dos portugueses através das telenovelas. O Brasil era nessa altura um país distante, de onde não era fácil obter livros nem informações, o que dificultava sobremaneira a preparação de aulas e a realização de pesquisas, tanto mais que — pelo menos na área das humanidades — os centros universitários de investigação e a agência nacional de fomento estavam ainda a começar ou passavam por uma reestruturação profunda.

* U. Porto/CITCEM (ORCID: UIDB/04059/2020; DOI: <https://doi.org/10.54499/UIDB/04059/2020>). Email: ftopa@letras.up.pt. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6929-5618>.

Fig. 1. Maquete da placa comemorativa que foi colocada num dos jardins da FLUP, juntamente com um jacarandá
Fonte: Elaborada pelo autor



Era esta uma época em que a literatura brasileira, não sendo obviamente desconhecida em Portugal, não tinha ainda aqui uma presença transversal: poucas editoras publicavam regularmente livros brasileiros; à exceção de alguns clássicos mais antigos e dos romancistas de 30, o panorama editorial de incidência brasileira era pobre; os autores brasileiros quase não tinham presença nos programas e nos manuais de língua portuguesa; com poucas exceções, a imprensa (mesmo a especializada) acompanhava de longe o que ia saindo no Brasil. Aos poucos, porém, o cenário foi mudando, quero crer que devido sobretudo a dois fatores: por um lado, à melhoria progressiva da imagem externa do Brasil, particularmente durante as presidências de Fernando Henrique Cardoso e de Lula da Silva (neste caso, as primeiras); por outro, devido ao impacto que gerações sucessivas de novos professores de língua portuguesa dos ensinos básico e secundário, formados com programas que incluíam a literatura brasileira, começaram a ter junto dos jovens portugueses e da sociedade em geral.



Fig. 2. Aspeto da assistência do colóquio *50 anos de Literatura Brasileira na FLUP*

Fonte: Fotografia do autor

Como acontece em todos os centros de estudos brasileiros fora do Brasil, os recursos — antes de mais humanos — são sempre muito limitados, obrigando em geral os seus docentes a atuarem como «generalistas», pelo menos ao nível do ensino de 1.º ciclo. Apesar disso, no caso da FLUP, contámos durante um período relativamente longo com dois professores, o que permitia cobrir em profundidade os domínios mais importantes da literatura brasileira e diversificar a oferta formativa, alargando-a ao ensino pós-graduado. De 1972 até hoje, passaram pela área da literatura brasileira na FLUP um total de nove professores: os cinco que participaram no colóquio que está na base do presente volume; duas docentes que trabalham hoje noutras universidades; e dois professores brasileiros que aqui ensinaram por curtos períodos de tempo, Teresa Leal Martínez, já falecida, e Fábio Lucas.

Do conhecimento aqui produzido dirão os nossos pares e o público a quem ele é destinado. A exposição que acompanhou o colóquio de 14 de novembro de 2022 ilustrou algum do muito trabalho que tem sido feito, patenteado em livros, revistas, artigos, edições, cartazes e programas de congressos, mas também textos de apoio, fichas escolares, folhas de presença, fotos e outros materiais, muitos deles revestidos hoje de um forte valor sentimental.

Os cinco ensaios que se seguem ilustram de algum modo estes 50 anos de trabalho sobre literatura brasileira na FLUP. No primeiro deles, Arnaldo Saraiva completa a

história deste espaço curricular no Porto, ao passo que Maria de Fátima Marinho aborda o romance policial de Rubem Fonseca, Maria de Fátima Outeirinho estuda um livro de crónicas de João Ubaldo Ribeiro e Pedro Eiras considera a poesia brasileira mais recente sob a ótica do fim do mundo. O volume termina com um trabalho do autor destas linhas sobre a tradução de uma epístola de Alexander Pope atribuída a Cláudio Manuel da Costa.

Não sendo grande, o volume que agora vem a lume mostra com clareza que a literatura brasileira continua a ter no Porto um porto seguro.